Titulo: Em alta no Brasil, dólar enfraquece lá fora
Veículo: O Estado de S. Paulo
Página: B7
Colunista: Mateus Apud

Tiragem: 120.784
Data: 10/08/2020

ENTREVISTA

Paulo Bilyk, CEO da Rio Bravo Investimentos

‘Bolsa cara acende alerta de bolha na B3’

Para gestor, quem está comprado em 4 ou 5 ações à espera da riqueza corre grande risco de perder tudo

Jenne Andrade

FELIPE RAU/ESTADÃO - 16/4/2019

Tendência. Para Bilyk, houve uma corrida para a Bolsa

Depois da queda histórica de 30% em março, o Ibovespa entrou em uma trajetória forte de recuperação e voltou a romper a barreira dos 100 mil pontos nas últimas semanas. Com o bom momento do principal índice de ações da Bolsa brasileira, vieram também a realização de uma série de aberturas de capital (IPOs, na sigla em inglês). A recuperação acelerada, contudo, pode esconder uma “bolha”. Paulo Bilyk, CEO da Rio Bravo Investimentos, analisa este cenário e como o investidor pode se proteger.

● Como explicar o desempenho tão positivo da Bolsa?
Há uma dissonância entre o que o gestor profissional experiente sente em relação ao momento da Bolsa e o que os gestores menos experientes de fundos e as pessoas físicas que compram diretamente ações de plataformas digitais sentem. Aliás, esses fundos mais novos e mais agressivos são frequentemente distribuídos por essas plataformas digitais. Então, sou obrigado a achar que tem um pedaço dessa história que vem do incentivo informacional das plataformas digitais, no sentido de promover uma ideia de girar carteiras, comprar papéis e divulgar IPOs – nem todos da mesma qualidade e muitos realmente com um preço alto. Outro lado dessa equação é o juros. O Brasil viveu muito tempo debaixo de uma embocadura complicadíssima, de juros muito altos, que criou nos brasileiros um vício de alocar toda sua poupança em renda fixa. Com os cortes na Selic, e a renda fixa perdendo atratividade, houve essa corrida para a Bolsa por parte da pessoa física. Processo que foi facilitado e incentivado pelas plataformas digitais, nem sempre da forma mais responsável. Me aponta um grande gestor que tenha mais de 15 anos de história administrando dinheiro de terceiros – e que não seja um produto momentâneo das plataformas digitais – que esteja *bullish* (otimista), sem crítica e sem preocupação. Eu não conheço.

● As plataformas digitais estão excessivamente otimistas e, por consequência, ajudando a inflar os preços?
As plataformas vivem de corretar papéis, isto é, elas querem vender esses papéis. Isso é da natureza do *business* das plataformas e também dos bancos de investimentos. Contudo, as plataformas levaram isso a um nível ainda mais extremo ao falar praticamente só com a pessoa física. E com um tipo de comunicação em blogs, Twitter, que nós não tínhamos antes. Uma linguagem muito simples e superficial para quem estava acostumado com análise fundamentalista à moda antiga, e uma forma de se expressar muito propagandística.

● Está se formando uma bolha?
A pergunta é: a Bolsa está cara? Tem muitos papéis na Bolsa que estão caríssimos. Todos esses IPOs que estão saindo agora estão caros. Se isso é o que chamam de bolha, pode ser que esteja se formando, sim.

● Quais riscos que o investidor está correndo nessa conjuntura?
O risco para o investidor é perder dinheiro porque o que vai acontecer é o seguinte: o ano vai virar e, em algum momento, o mercado começará a refazer as contas. Se eu estiver errado e as empresas mostrarem um lucro muito grande, aí quem comprou e segurou os papéis sairá ganhando. Mas agora, alguém me diz de onde vai vir todo esse crescimento, se não temos investimento e consumo? De onde vai vir esse dinheiro tão grande? Estou disposto a acreditar se alguém me explicar.

● Como o investidor pode se proteger caso a ‘bolha estoure’?
Vai se proteger bem quem tiver diversificado. O que eu temo muito são pessoas que são hiperalocadas em ações. Por exemplo, além de ações de empresas sólidas, de resultados estruturados recorrentes e que não estejam tão caras (*como Pão de Açúcar, Itaúsa e Alpargatas*), o investidor também pode alocar recursos em fundos imobiliários de qualidade, fundos de crédito privado, fundos de liquidez, fundos multimercados e etc. É essa diversificação que pode salvar o investidor. Agora, quem está com a sua carteira toda comprada em quatro ou cinco ações que você espera dar riqueza em um ou dois anos, está correndo um risco muito grande de perder tudo.

Em alta no Brasil, dólar enfraquece lá fora

Pandemia e eleição tiram da moeda americana status de porto seguro na crise; política e juros fragilizam o real

Mateus Apud

DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO - 27/6/2019

Efeito global. Dólar tem caído com eleição nos EUA e covid

O ouro superou pela primeira vez, na semana passada, a barreira dos US$ 2 mil a onça-troy. A valorização de quase 35% no ano tem, entre os principais fatores, o enfraquecimento do dólar. Afirmação que é um choque para nós, brasileiros, que vimos o dólar fechar a sexta-feira a R$ 5,41 (alta de 35% em 2020).

De acordo com especialistas consultados pelo *E-Investidor* (plataforma de finanças pessoais e investimentos do **Estadão**), o dólar está mesmo em desvalorização. Porém, no Brasil isso não é percebido porque o real tem um desempenho ainda pior.

“O dólar só não está mais alto aqui porque ele está fraco no mundo”, resume Marcelo Boneri, gerente da mesa de futuros da Ágora Investimentos.

A cesta de moedas DXY, que mostra a relação do dólar contra moedas de países desenvolvidos, já caiu 3,25% no ano, aos 93,389 pontos (o índice sobe quando o dólar está forte e cai quando está fraco). Frente ao euro, o dólar tem queda anual de 5,02%. Enquanto isso, em relação ao real, a moeda americana sobe mais de 35%.

A crise causada pela pandemia de coronavírus e a eleição nos EUA levaram ao enfraquecimento do dólar. Thomás Gibertoni, especialista de investimentos da Portofino Investimentos, pontua que o país está injetando dinheiro na economia para reaquecê-la. “Essa empenho fiscal faz os EUA emitir mais moeda ou tomar mais dívidas e isso faz o dólar ficar mais fraco em relação às outras moedas”, afirma Gibertoni.

Estes dois fatores levaram o dólar do papel histórico de porto seguro em momentos de crise a alavanca para migração a outros investimentos, como euro e metais (caso do ouro). O dólar segue forte perante moedas de países emergentes, cuja economia mais frágil sofre mais nas crises.

No caso do Brasil, o cenário é agravado pela combinação entre problemas políticos e fiscais – mesmo que a temperatura tenha baixado recentemente, com privatizações e reformas voltando à pauta em Brasília.

“O fator Brasil pesa muito na nossa moeda”, admite Boneri, da Ágora. “Nosso risco é maior em relação ao nossos pares, o que tira toda nossa atratividade, deixa o investidor estrangeiro receoso e consequentemente o dólar sobe mais aqui”, complementa o economista-chefe da Frente Corretora, Fabrizio Velloni.

Recentemente, os cortes sucessivos na taxa básica de juros do País (na mínima histórica de 2% ao ano) passaram a afastar cada vez mais os investidores estrangeiros. Por isso, o real é a moeda mais afetada entre os emergentes.

“Tivemos uma longa temporada de cortes da Selic, muito maior que nossos pares, e isso faz com que fiquemos menos atrativos para ficar investido”, afirma Gibertoni.

Artigo

Coronavírus – 100 mil mortos e contando

ANTONIO PENTEADO MENDONÇA

É apavorante pensar que o Brasil está atingindo a marca de cem mil mortos pelo coronavírus. Mas mais apavorante ainda é pensar que este número continua subindo e que, até a vacina chegar, com sorte na metade do ano que vem, temos tudo para ultrapassar a casa dos duzentos mil mortos.

Boa parte dos brasileiros jogou a pandemia na conta de fatalidades incontroláveis e adicionou o coronavírus ao rol integrado por dengue, chicungunha, febre amarela, sarampo, malária e outras epidemias que corroem a saúde da população e matam milhares de pessoas todos os anos.

A diferença é que o coronavírus mata mais de mil pessoas por dia. Ou seja, é muito mais letal do que as grandes tragédias nacionais, como os homicídios, na casa dos cem mil mortos, e os acidentes de trânsito, próximos de quarenta mil mortos por ano.

Somos disparados os segundos colocados no placar internacional. Apenas o Estado de São Paulo tem mais mortos do que vários países europeus somados. Na nossa frente, entre as nações, apenas os Estados Unidos e ninguém nos ameaça de perto. Se o Brasil precisava de algo para prejudicar ainda mais sua imagem internacional, já comprometida pelo desmatamento da Amazônia, o coronavírus é um prato cheio. E este quadro não é pior porque, surpreendentemente, o SUS (Sistema Único de Saúde) mostrou que funciona bem. Basta lhe darem os recursos necessários e ele faz sua parte.

De outro lado, os planos de saúde privados estão tendo atuação impecável desde o início da pandemia. Para tristeza dos que ganham remando contra eles, os planos estão fazendo sua parte sem qualquer marola que denigra seu comprometimento com o atendimento à saúde de quarenta e sete milhões de brasileiros que dependem deles.

Mas se o SUS funciona e os planos de saúde privados estão fazendo sua parte, onde foi que a vaca foi pro brejo? O que deu errado e levou o Brasil ao trágico patamar das cem mil mortes, ainda na metade do caminho?

As causas são conhecidas e não precisam ser repetidas, mesmo porque estão diariamente na imprensa, que não se cansa de mostrar o desastre que foi e é a atuação do governo federal como gestor da pandemia.

Tomamos emprestados os poderes milagrosos da cloroquina, sacamos da cartola um vermífugo e, ao contrário do mundo, não tomamos nenhuma providência mais séria para enfrentar, cientificamente, a pandemia que se espalhou por todo o território nacional. O resultado está aí: cem mil mortos e contando.

Mas se a tragédia das mortes é insuportável e vergonhosa, o quadro geral da nação é dramático. O desemprego come solto, a miséria cobra seu preço jogando milhares de pessoas nas ruas, os pobres ficam mais pobres, a classe média fica mais pobre, a economia encolhe e o governo federal saca uma reinvenção da CPMF como ferramenta para combater o que vai muito mal e que eleva o rombo das contas públicas a números inimagináveis seis meses atrás.

Este cenário de terra arrasada atinge a nação e cobra um preço absurdo da sociedade, que vê as chances de cura da pandemia e retomada da economia serem jogadas para o futuro, sabe Deus quando.

Nenhuma atividade econômica vai passar incólume pela tempestade e o setor de seguros não é a exceção à regra. Os planos de saúde já estão apontando a queda do número de segurados, decorrente do desemprego crescente entre os trabalhadores formais, que são seus grandes beneficiários, através dos contratos de trabalho.

A atividade econômica deve cair para patamares muito baixos e isto significa menos seguros para serem feitos, tanto pela diminuição dos negócios, como pelo empobrecimento da população.

É verdade que o outro lado da moeda é a queda da sinistralidade de carteiras como os seguros de veículos, mas ela não compensa a soma da queda do faturamento com a redução da remuneração das aplicações financeiras.

Não se espera uma crise sistêmica no setor de seguros. As reservas são de mais de um trilhão de reais e a retomada das grandes obras joga alento no quadro. De qualquer forma, o futuro imediato será complicado para quem não prestar atenção.

*
SÓCIO DE PENTEADO MENDONÇA E CHAR ADVOCACIA
E SECRETÁRIO-GERAL DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

broadcast mercados

VALORES DE MERCADO REFERENTES AO PREGÃO DE 07/08/2020

IBOVESPA: 102.775,55 PONTOS ● **DIA** -1,30 (%) | **MÊS** -0,13 (%) | **ANO** -11,13 (%)

Maiores altas do Ibovespa

	R$	Var. %	Neg.
CIA HERING ON NM	15,86	7,31	18.312
RUMO S.A. ON NM	23,33	2,46	27.223
BRF SA ON NM	22,42	2,33	35.273

Maiores baixas do Ibovespa

CIELO ON NM	5,25	-6,25	33.714
BR MALLS PARON NM	10,84	-4,24	46.827
YDUQS PART ON	32,18	-3,59	16.671

TR/TBF/Poupança/Poupança Selic (%)

4/8 a 4/9	0,0000	0,1645	0,5000	0,1159
5/8 a 5/9	0,0000	0,1645	0,5000	0,1159
6/8 a 6/9	0,0000	0,1519	0,5000	0,1159

No mundo

	Pontos	Dia%	Mês%	Ano%
Nova York DJIA	27.433,48	0,17	3,80	-3,87
Frankfurt - DAX	12.674,88	0,66	2,94	-4,33
Londres - FTSE	6.032,18	0,09	2,28	-20,02
Tóquio - NIKKEI	22.329,94	-0,39	2,86	-5,61

Tesouro Direto (*)

	VENCIMENTO (*)	ANO (%)	R$
Tesouro IPCA	15/8/2026	2,07	2.925,30
	15/5/2035	3,52	1.988,76
Com Juros Semestrais	15/8/2030	2,80	4.306,70
Tesouro Prefixado	1º/1/2023	3,83	914,12
	1º/1/2026	6,08	727,55
Tesouro Selic	1º/3/2025	0,03	10.663,94

(*)TÍTULOS A VENDA

Inflação (%)

Índice	Junho	Julho	No ano	12 Meses
INPC (IBGE)	0,30	0,44	0,80	2,69
IGPM (FGV)	1,56	2,23	6,71	9,27
IGP-DI (FGV)	1,60	2,34	6,98	10,37
IPC (FIPE)	0,39	0,25	0,58	2,73
IPCA (IBGE)	0,26	0,36	0,46	2,31
CUB (Sinduscon)	1,27	1,00	2,48	2,90
FIPEZAP-SP (FIPE)	0,30	0,38	1,98	2,65

Índices de reajuste do aluguel (Agosto)

IGP-M (FGV)	1,0927	IPCA (IBGE)	1,0231
IGP-DI (FGV)	1,1037	INPC (IBGE)	1,0269
IPC-FIPE	1,0273	ICV-DIEESE	-

FATORES VÁLIDOS PARA CONTRATOS CUJO ÚLTIMO REAJUSTE OCORREU HÁ UM ANO. MULTIPLIQUE O VALOR PELO FATOR

INSS - Competência (Agosto)
Trabalhador assalariado e doméstica*

SALÁRIO DE CONTRIBUIÇÃO	ALÍQUOTA
Até R$ 1.045,00	7,5%
De 1.045,01 até R$ 2.089,60	9%
De R$ 2.089,61 até R$ 3.134,40	12%
De R$ 3.134,41 até R$ 6.101,06	14%

AUTÔNOMO (BASE EM R$)	ALÍQUOTA	A PAGAR (R$)
De 1.039,00 a 6.101,06	20%	De 207,80 a 1.220,21

Vencimento 7/9. O porcentual de multa a ser aplicado fica limitado a 20%, mais taxa Selic.

CDB - CDI

DATA	TAXA ANO	TAXA DIA	MÊS%	ANO%
CDB (21/31)	1,90	0,00	-4,04	-56,92
CDI	1,90	0,00	-11,63	-56,82

Agrícolas - Mercado Futuro

	Venc.	Aju.	C. Abe.	Min.	Máx.	Var.%
Açúcar NY*	OUT/20	12,67	386.674	12,63	13,00	-2,09
Café NY*	DEZ/20	117,90	82.506	116,00	120,65	-0,88
Soja CBOT**	AGO/20	8.703	1.199	8.710	8.788	-1,19
Milho CBOT**	DEZ/20	3,21	693.695	3,200	3,243	-0,93

(*) Em cents por libra-peso (**) Em US$ por bushel

Agrícolas - Mercado Físico

	Ult.	Var. (%)	Var. 1 ano(%)
Soja CEPEA/ESALQ, R$/sc 60 kg	123,20	-0,89	48,27
Boi CEPEA/ESALQ, R$/@	225,45	-0,85	47,06
Milho CEPEA/ESALQ, R$/sc 60 kg	52,72	0,24	45,35
Café CEPEA/ESALQ, R$/sc 60 kg	565,29	-0,90	38,87

Moedas e Commodities

	Venda	Dia %	Mês %	Ano %
Dólar Comercial	5,4143	1,33	3,78	34,98
Dólar Turismo	5,5600	1,15	3,73	33,65
Euro	6,3790	0,57	3,79	41,94
Ouro	350,500	-0,68	6,86	72,96
WTI US$/barril	41,5000	-1,07	2,62	-32,36
IBrentUS$/barril	44,6000	-0,50	2,25	-32,42

	US$ 1/NY	1 Euro/ Europa	1 Libra/ Londres	R$ 1/ Brasil
Dólar americano	1,000	1,1785	1,3059	0,1841
Euro	0,849	1,0000	1,1081	0,1563
Franco suíço	0,913	1,0757	1,1919	0,1681
Libra esterlina	0,766	0,9024	1,0000	0,1410
Iene	105,963	124,8770	138,3750	19,5130

AS MOEDAS NA VERTICAL VALOR DE COMPRA SOBRE AS DEMAIS **FONTE:** IDC